

O TRATADO DE COMMERCIO

ALFANDEGA



Entre o governo, a querer-lhe bem por um lado, e a industria, a querer-lhe igualmente bem pelo outro, quem não sabe para onde se ha de virar é o consummador.

O TRATADO

No ponto de vista pittoresco, dentro da esphera da pura e desinteressada caricatura, nada mais interessante nem mais curioso que um tratado de commercio.

Lembram-se da scena das duas mães na *Mulher que deita cartas*, no tempo em que Emilia das Neves, bracejando inspiradamente gestos de seiscentos diabos, rachava os lustres dos theatros pelo esbugalhamento dos olhos, e furava o timpano das parelhas das tipoias estacionadas á porta pela dilaceração dos gritos?

Hão de estar lembrados de certo...

A scena mettia duas damas tragicas,—uma á direita e a outra á esquerda do espectador. A dama lateral á direita era a mãe pelas entranhas: fôra ella que dera á luz a menina. A dama lateral á esquerda era a mãe pela adopção do sentimento, a que creara e educára a joven. Tratava-se de saber, entre as duas, qual era a que no fim do quarto acto havia de levar consigo para o bastidor a donzella em letigio, posta como um pendulo em oscillação, ora para um lado ora para outro, em frente da caixa do ponto.

O problema levava a resolver obra de vinte minutos, durante os quaes a filha debatida não cessava um momento de ir de escantilhão de uma banda para a outra, já aferrada pelas presas da mãe esquerda, já empolgada em sentido opposto pelas garras da mãe direita.

E todo o publico chorava em jorros pelas cochias fóra e pelos camarotes abaixo com pena acerba, umas vezes de uma mãe, outras vezes da outra, sem que ninguém chorasse jamais pela filha; até que as duas tragicas cobertas pelas palmas do auditorio iam depor no camarim os seus louros, em quanto a ingenua, sem palmas nenhuma, estafada, contundida, esmurrada, rota, pisada, ia a chiclopé, ganinte e lacrimajosa, levada nos braços do contra regra para um canto, pôr parches novos nos callos dos pés e compressas d'arnica nas pisaduras dos braços e nos arranhões dos hombros.

Nos tratados de commercio as duas tragicas são a alta politica de um lado, e a grande industria do outro. A ingenua é o consumidor.

Esses senhores da associação commercial e da assembléa legislativa são as mães. Eu e tu, leitor, somos a filha.



Com o pretexto dramatico de que lhes merecemos a ambas uma igual doze de ternura, agora que o tratado de commercio com a França se acha em scena, ahi começam nossas mães aos cachações a nós para se decidir qual é d'ellas a que nos quer mais! Temos para um lado os estadistas, e temos para o outro lado os industriaes a puxar por nós. Pedimos apenas licença, antes de decidirem a coisa, para nos retirarmos por um momento do proscenio e irmos ao fundo dizer uma unica palavra para dentro:—Arnica!



Duas causas diversas levam os governos a reformar as pautas e a alterar as condições geraes do consumo. Uma vez é a benevolencia mutua; outras vezes é a simples birra reciproca. Entre a França e a Inglaterra, por exemplo, succede o seguinte: A França augmenta os direitos sobre os tecidos inglezes de lã e d'algodão. A Inglaterra em justa represalia augmenta pelo seu lado o imposto sobre a importação dos vinhos francezes.

O resultado é que para o lado de cá do Pas de Calais o publico vestirá calças peores e mais caras, enquanto que para o lado de lá o publico beberá bordeus com muito mais campeche e com muito menos vinho do que até aqui.

Os governos vingam-se. Os consumidores pagam o des-pique. Sempre as duas mães que vão para a gloria em triumpho! Sempre a filha que vae para a botica em braços!

—

Entre a França e Portugal—como em França dera o phylloxera nas vinhas e em Portugal lhes não dera em geral senão o baile de S. Sebastião da Pedreira—combina-se um convenio pelo qual a França nos protege os vinhos que ella produz de menos, sob a condição de que nós lhe protegeremos as casimiras e as barèges que ella produz de mais.

Seria possivel talvez que as coisas se equilibrassem por meio d'esta combinação e que nós outros consumidores não viessemos a perder muito no arranjo, pagando um pouco mais pelos decilitros de Torres, mas pagando por outro lado um pouco menos pelas gravatas do boulevard.



Mas n'isto, ao lado da mãe—governó, surge-nos a outra mãe—industria.

Que nós paguemos mais caro o decilitro de vinho, a industria—como é mui benigna e carinhosa—supporta-o; mas que paguemos mais barato o metro das fazendas de linho, de lã ou de algodão, a industria não o permite. Porque a industria que fabrica fazendas pune pelo direito sagrado que lhe assiste de as vender pelo maior preço possivel.

Ha longos annos que nós outros, consumidores, graças aos direitos de protecção, estamos pagando os nossos tecidos por perto do tresdobro do que elles valem; o que quer dizer que um operario, um professor, um empregado publico, gasta em Lisboa, para vestir uma familia de tres pessoas tanto como gastaria em Londres, em Paris ou em Berlim para vestir uma familia de oito.

Os grandes fabricantes pretendem que é indispensavel este sacrificio enorme de uma nação inteira para que elles ganhem o milhão que lhes é devido.

Sempre que se lhes falla em modificarem um pouco as suas exigencias perante a protecção das pautas, contentando-se em ganhar apenas um milhão menos dezoito vintens, os grandes fabricantes soltam gritos de pavões es-corraçadas do chôco, e ameaçam-nos de fecharem as suas officinas e de nos soltarem ás pernas trinta mil operarios famintos, se alguém ousar tocar na integridade sacro-santa do milhão de que elles teem o vêso.

*
*
*

Trinta mil operarios postos assim á mercê de meia duzia de fabricantes riquissimos, que teem inscripções, que teem propriedades, que teem titulos estrangeiros, que não precisam de trabalhar para comer, e que n'um inquerito feito ha uns poucos de mezes revelaram a intenção de supprimir os vîveres a esses milhares de trabalhadores, se fossem alteradas as tarifas aduaneiras em detrimento dos seus lucros,—esses trinta mil operarios, dizemos, constituem uma questão grave, a unica mesmo verdadeiramente grave que envolvem as reformas do sr. Antonio de Serpa. Pois bem: essa questão capital foi precisamente aquella que o governo se esqueceu de estudar ao proceder ao inquerito, ao fazer o tratado e ao mandal-o approvar pela sua maioria parlamentar quasi que em tão pouco tempo como aquelle que seria preciso unicamente para o ler!

De modo que, nada mais sublimemente comico do que o cara de Bismarck palurdio com que o sr. Fontes Pereira de Mello promette agora á Associação Commercial de Lisboa modificar submissamente o tratado já feito e approvedo pela camara electiva, não no intuito da politica que o dictou, mas no sentido dos desejos que os srs. industriaes manifestam!

O principe de Bismarck, que o sr. Fontes imita, assim como um microcephalo pode imitar um cabeçudo, dizia ha pouco no Reichstag, defendendo o rescripto do imperador, que um ministro não é mais do que um homem de palha. O sr. Fontes na sua maneira de proceder com relação ao tratado de commercio, seguiu á risca as palavras do seu modelo, e foi bem d'esta vez o homem d'aquillo de que o outro diz que devem ser os ministros.

—

Tudo isto nos demonstra uma cousa; e vem a ser: que para termos um bom tratado de commercio não basta fazer-se um inquerito ás industrias a perguntar-lhes o que ellas querem; é preciso também fazer um inquerito ao governo a perguntar-lhe o que elle sabe.

Desde que os capitalistas, nos disseram: *Fechamos as fabricas.*—o que havia a fazer era perguntar ao sr. Fontes:

Vossa excellencia já leu Proudhon?

E esperar a resposta.

PADRE FRANCISCO

Ha quarenta annos que a gente em Portugal, depois de secularisada pela carta e pelo romantismo, anda a procurar desempadralhar-se, sem todavia o conseguir de um modo inteiramente satisfatorio.

Apesar de já não sermos frades, continuamos sempre a ser fradescos, e temos um vinco indelevel de padrice, uma tesourada de tonsura mal disfarçada em tudo: na lingua, na arte e nos costumes.

É n'este momento do seculo, em que a pedagogia profana mais empenhada se mostra em nos escovar o velho bolôr contrahido pela raça em tres seculos de claus-tro e de sacristia, que acabamos de ver na quarta pagina do *Diario Popular* o seguinte annuncio:

COLLEGIO BRAZILEIRO

PALACIO A SANTO AMARO

A VISTA DE MUITOS OBJECTOS, IMPORTADOS DOS ESTADOS-UNIDOS.

DÁ CONHECIMENTOS GERAES SOBRE A NATUREZA

DÁ UMA EDUCAÇÃO DE SALÃO

O Director

PADRE FRANCISCO J. DE CHRISTO

Não faltava cá senão este padre Francisco, que rebenta agora com educação brasileira em Santo Amaro!

Sahidos apenas das escolas dos jesuitas, imbecilizados de grammatica, bestificados de rhetorica, precisavamos de nos pôr em comunicação com a livre natureza, de nos animalisarmos fortemente por todos os fecundos contactos da vida, da belleza, da liberdade e do amor. Padre Francisco chama a si esse encargo, e promptifica-se dar aos nossos filhos conhecimentos geraes sobre a natureza, por meio dos objectos que lhe chegaram da America.

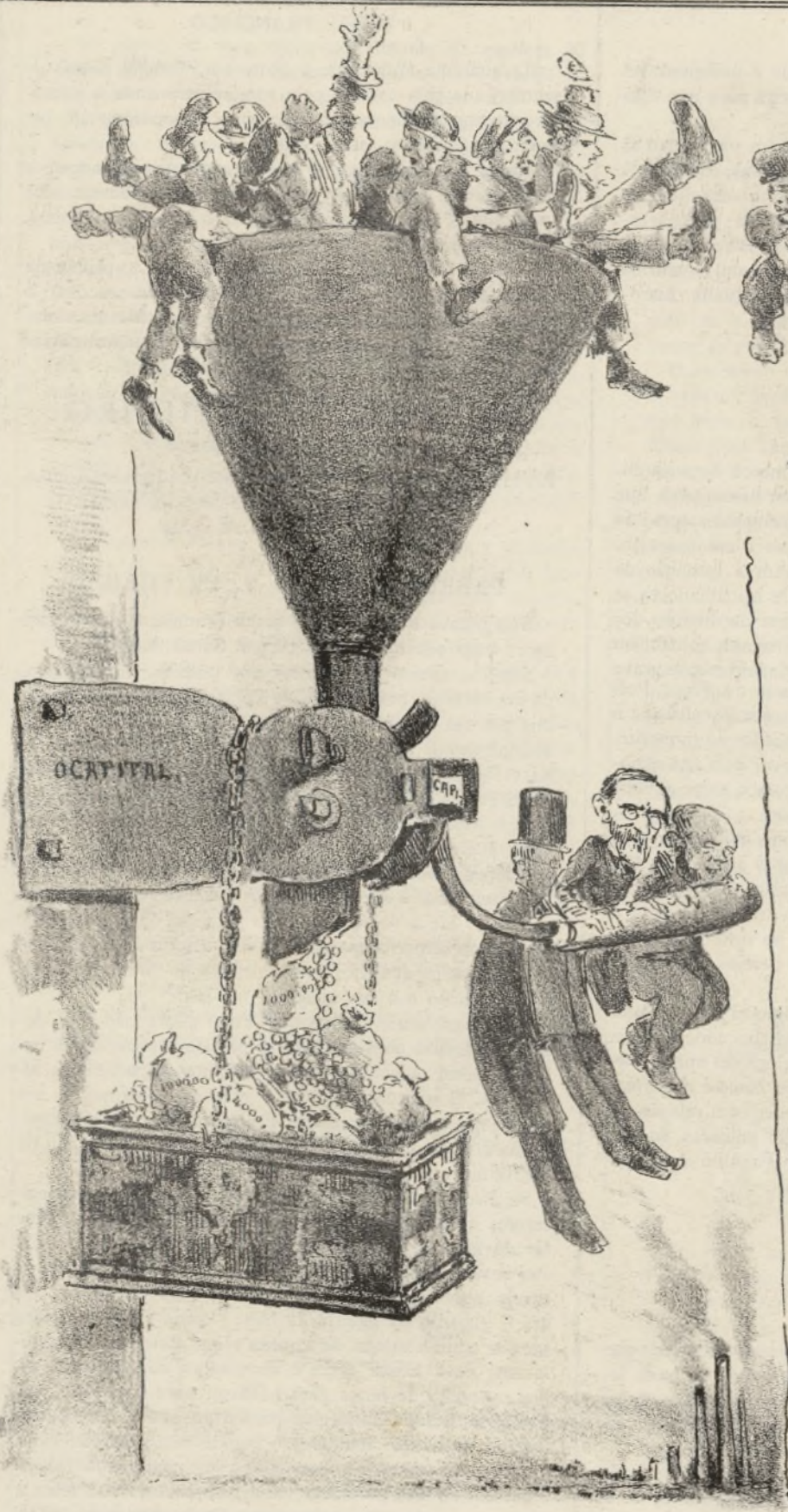
Quereis conhecer, meus meninos, o grande mysterio da vida universal, o segredo augusto e sagrado da fecundação do orbe? Ide a padre Francisco para que se vos mostrem os objectos americanos, em que elle proprio aprendeu tudo isso nos ocios que lhe deixa a leitura do breviario, entre o seu almoço e a sua missa.

Mas o que mais nos captiva n'este padre não é o nodo magnifico com que elle se propõe explicar-nos a natureza pelos objectos que ultimamente despachou na alfandega. O que nos commove mais particularmente nos merecimentos sacerdotes de Francisco é o seu prestimo, posto á nossa disposição a tanto por mez, para o fim de nos ministrar as ordens sacras de salão.

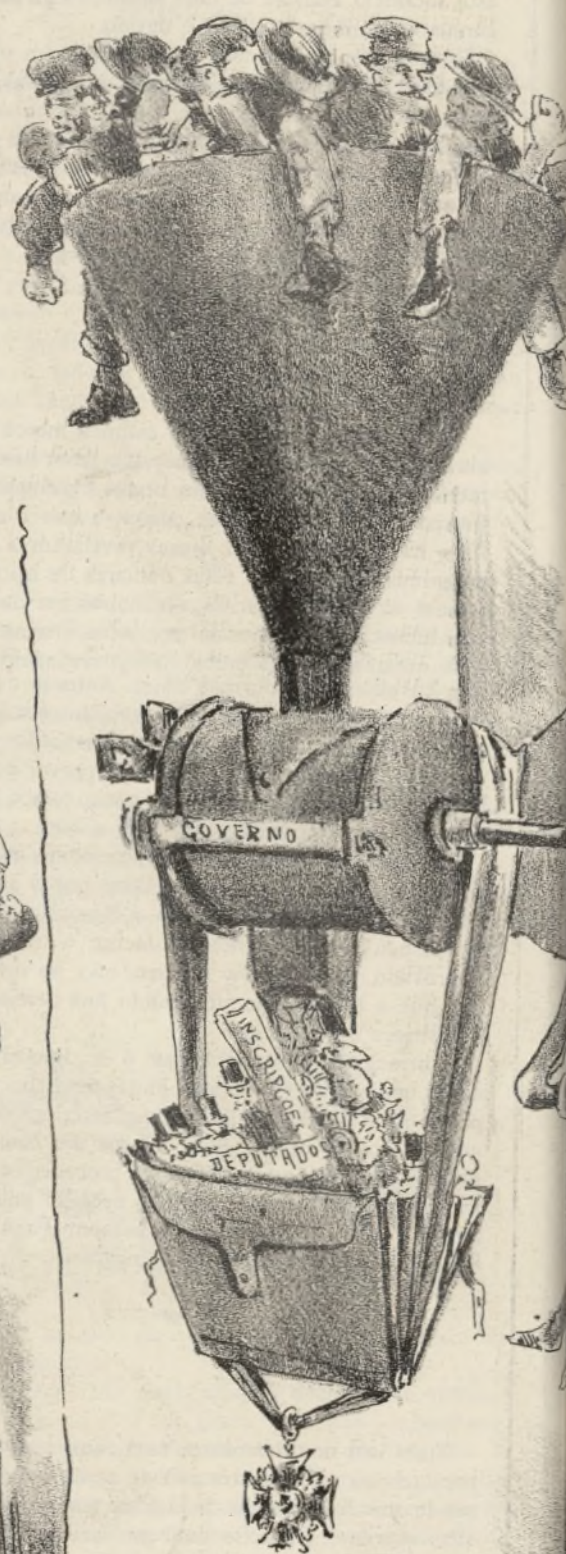
Se Padre Francisco recebe adultos no seu estabelecimento, queremos que nos matricule, e pagaremos o que fôr devido. Devora-nos, a sede da educação de salão que sua reverendissima propina. Queremos que o ministro da egreja nos diga como é que se ata a gravata branca sobre o plastron da camisa de baile; como é que se pucha para a cinta a casaca de Poole; e que differença de milímetros deve existir entre a abotoadura do collete de *pi-qué* em ponta de lança para baile ou para jantar de convite. Qual o limite lithurgico para a estreiteza das calças? Agrada ou não ás mulheres o bigode mosqueteiro? Con-vem ou não convem o monoculo á estrategia da *flirtation*? Devemos ou não preferir á valsa galopada a valsa lenta a tres tempos *the slow waltz new*? Onde metter as luvas,—na claque ou no bolso? Onde beijar uma bonita mão de mulher,—nas pontas dos dedos ou sobre o pulso?... Tudo isso são para nós mysterios insondaveis e tremen-dos.

SITUAÇÃO DO TRABALHO OS TRATADOS DE COMMERCIO

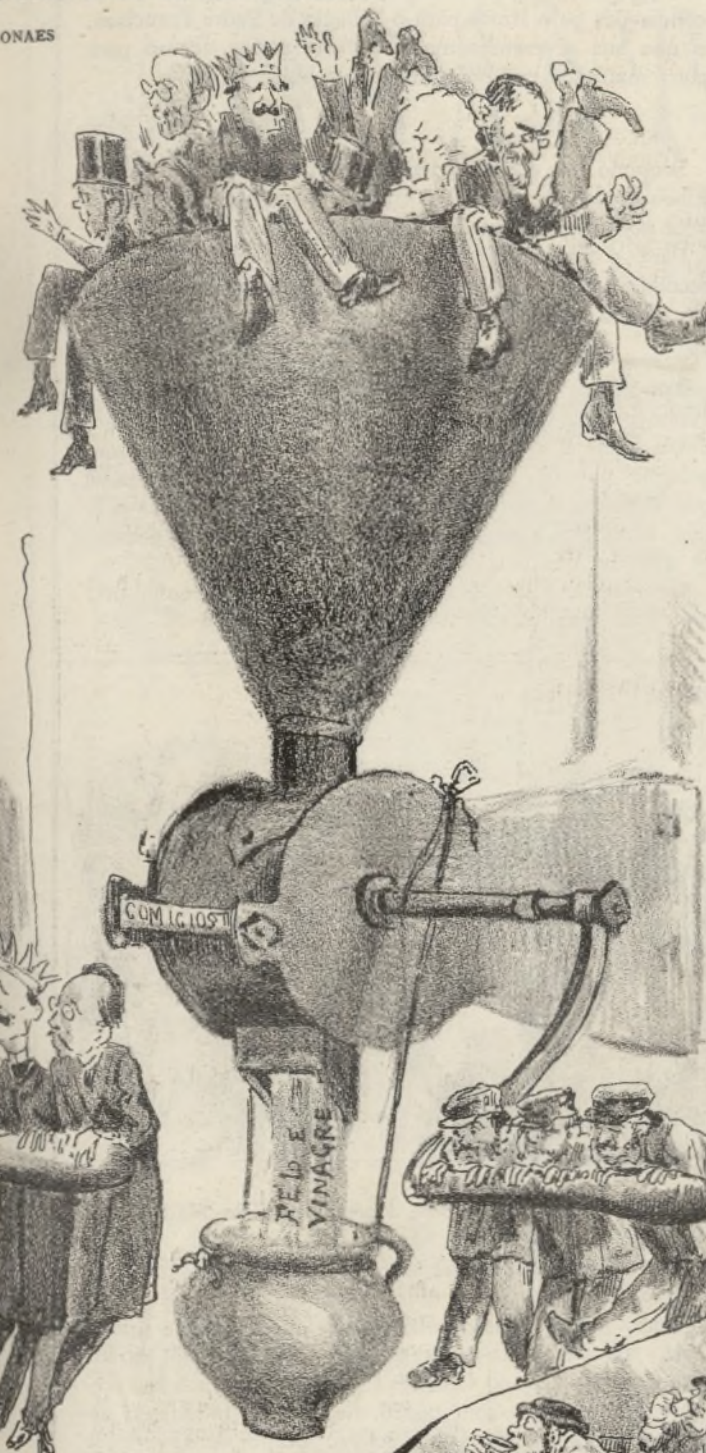
NACIONALES



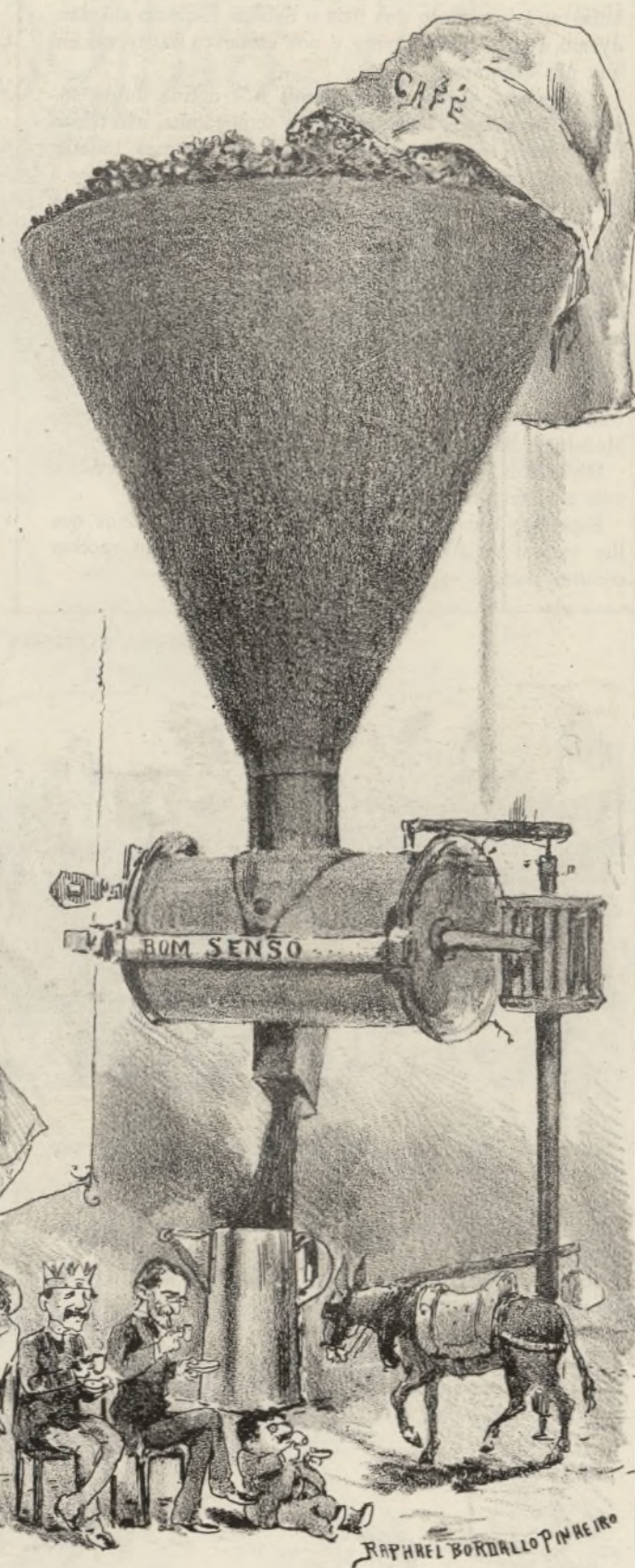
Segundo a Industria, a idéa é moer o trabalho e fazel-o deitar milhões.



Segundo a Politica, a idéa é arrancar o trabalho e moel-o por conta do estado para o fazer deitar milhões e viscondes.



Segundo os comicios populares, a idéa é moer o capital e a politica para os fazer botar fel e vinagre.



Segundo o simples Bom Senso, a idéa seria não nos moermos mais uns aos outros; pôrmos um simples burro — o burro da sabedoria — ao moinho, metter-lhe café para dentro, e tomarmol-o juntos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Uma vez que Padre Francisco se annuncia para desencerrar á veneração dos fieis o Senhor Exposto do dandysmo, que elle nos alumie e nos esclareça nas trevas em que nos achamos!

Nos salões ao pé das mulheres nós outros, lusos, somos, a bem dizer, uns ursos. Não temos linha, não temos flexibilidade, não temos conversação, não temos toilette. E apesar de todo o nosso esforço para sermos sveltos e galas, para parecermos *regencia, talons rouge, ceil de bœuf Port Royal, Parc-aux-cerfs*, ellas—coitadinhas!—ao olharem-nas para a cara, para os modos, para as vestimentas, cuidam que d'onde nós vimos é de ajudar ás missas na Encarnação, e que para onde nós vamos que é para a Sé cantar de tipleres no côro.

Em Paris Madeleine Brohan abriu de uma vez escola de espirito, ensinando os basmurros a terem graça a vinte francos o *cachet*. O beato Francisco vem ser entre nós a Madeleine Brohan de Santo Amaro.

Oh! Deus! como vamos agora ser perigosos, irresistíveis e fataes por essas salas fóra!

Espera-se que Padre Francisco, entre os objectos que lhe vieram da America não tivesse deixado de receber *cocottes* para as experiencias da galanteria.

O que nos resta saber unicamente é quaes são as condições para irmos para o collegio de Padre Francisco, e que sua reverendissima nos diga se por accaso para abrir matrícula teremos tambem de abrir corôa.

Segundo uma declaração ultimamente feita pelo sr. Hintze Ribeiro, sabe-se que o sr. Antonio Rodrigues Sampaio se acha por enquanto muito verde.

Para o fim de agradecer ao sr. Hintz, o sr. Sampaio vae recolher por alguns annos a verdura da sua mocidade dentro de um madureiro.

Aos nossos confrades do jornalismo hispanhol, que tão acremente se queixaram de que o povo de Lisboa não dêsse vivas á rainha castelhana, temos o gosto de annunciar que os seus votos se acham satisfeitos. Desde que se votou o tratado de commercio com a França—e não se esperava senão por siso—toda a classe operaria se acha ha tres dias—a dar vivas á Christina.

Congratulamo-nos de veras com o throno hispanhol por esta justa manifestação do enthusiasmo popular.

A ULTIMA CORRIDA DE DEPUTADOS



Na terça feira, na praça dos deputados, houve um boi... perdão... houve um debate para curiosos.

Diz o *Correio da Noite*, na sua secção tauromachica do parlamento, que muitos espectadores desceram á praça e que houve boleu de meia noite.

Joaquim Chapeleiro mostrou ser fogoso, mas sahiu-se mosqueiro, atravessado e de muito pé.

Houve duas pegas, que agradaram.

No meio do reboiço geral da praça o intelligente mandou chamar as chócas para pôr fóra o gado.

Hoje quinta feira, não ha espectáculo. A quadrilha tra-

balha em commissões sob a presidencia do João Embolador.

Espera-se que amanhã saia o bando.

São prevenidos os srs. afficionados dos que forem esperar o gado para a sessão proxima de que o Collete Encarnado vae pôr atraz da presidencia uma succursal da sua beberoca do Campo Grande. D. Dobrada, com o seu sceptro de chispe e com o seu diadema de tomate, lá espera os representantes da nação. Doutor Roxo preside por conta do lavrador, e será d'arromba. Alerta, amadores! Haverá tambem patria guisada com decencia e herilhas. Avante portuguezes!



A REVOLUÇÃO NO PORTO



Mettida na cadeia metade da cidade, a outra metade para fazer abrir as masmorras encarrega o sr. Adriano Machado de exercer sobre a despotica arbitrariedade da força os effeitos calmantes da eloquencia. Está-se a ver agora qual dos dois partidos pode mais: se o regenerador como bruto, se o progressista como massador.